

México quer dividir "sacrifício"

Em discurso aos participantes da 27ª reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o ministro da Fazenda do México, Jesus Silva Herzog, sustentou na quarta-feira a tese de que os banqueiros ocidentais e os governos dos países industrializados devem compartilhar o peso da dívida externa dos países latino-americanos, atualmente de US\$ 360 bilhões.

Argumentou que as repercussões políticas e sociais da situação ameaçam a estabilidade da América Latina e prejudicam o desenvolvimento do processo democrático produzido na região durante os últimos anos.

Depois de lembrar que desde 1982 a América Latina transferiu US\$ 106 bilhões para o exterior, quase quatro vezes o montante total dos empréstimos concedidos pelo BID em seus 25 anos de existência, Silva Herzog advertiu para o risco que a não-solução do

problema da dívida externa representa para a estabilidade regional, com desdobramentos para todo o Ocidente.

Até agora a responsabilidade da solução recaiu apenas sobre os países devedores, mas essa solução deve ser encontrada em termos de responsabilidade dividida com os países credores, o sistema bancário internacional e os vários organismos financeiros multilaterais", afirmou.

A mesma posição foi defendida pelo vice-presidente do Banco Central da Argentina, Leopoldo Portnoy. Depois de citar uma relação das medidas que a América Latina deve tomar para fortalecer a economia regional, ele acrescentou: "Esta posição de sacrifício deve ser compartilhada, contudo, pelos países industrializados. É incompreensível para a América Latina que a desordem fiscal dos países industrializados se tenha transformado em problema crônico. Eles estendem

seus efeitos aos mercados internacionais de capital, elevando as taxas reais de juros e absorvendo os escassos fundos dos países em desenvolvimento".

O presidente do Banco Central do Peru, Leonel Figueroa, criticou o projeto norte-americano de estabelecimento de regras ainda mais estritas para a concessão de novos empréstimos pelo BID.

As alterações na política do BID foram elogiadas pelo representante da Grã-Bretanha, J.L.F. Buist, com a afirmação de que elas se aproximam do plano Baker, destinado a resolver a crise provocada pela dívida externa dos países do terceiro mundo. Buist também considerou urgente a concessão de novos empréstimos pelo Banco Interamericano, co-financiados pelo Banco Mundial.

Dos cinco países industrializados do Ocidente, a Grã-Bretanha foi o segundo a declarar seu apoio às propostas norte-americanas.